

## UMA MULHER DE CORAGEM

DANIELLE STEEL

UMA MULHER  
DE CORAGEM

Tradução de  
MANUELA PARADA RAMOS



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

Às excelentes mulheres — às mulheres de coragem!  
As *melhores* mulheres que eu conheço:  
Beatrix, Sam, Victoria, Vanessa e Zara.  
Todas elas especiais e únicas,  
corajosas, ternas, sábias, desembaraçadas,  
criativas, perseverantes, honestas, íntegras,  
equilibradas e graciosas.  
Vocês são as minhas heroínas, os meus exemplos,  
os meus tesouros e a minha alegria.  
Obrigada pelas lições que me deram  
e pelo amor ilimitado que partilhamos.

Com todo o meu amor,  
Mãe/d.s.

## CAPÍTULO 1

Na manhã de 14 de abril de 1912, Annabelle Worthington lia tranquilamente na biblioteca da casa dos seus pais com vista para o grande jardim murado. Começavam a aparecer os primeiros sinais de primavera, os jardineiros tinham plantado flores e estava tudo bonito para o regresso dos pais nos próximos dias. A casa que ela partilhava com eles e com Robert, o seu irmão mais velho, era uma grande e imponente mansão no troço norte da Quinta Avenida, em Nova Iorque. Os Worthington e a família da sua mãe, os Sinclair, eram familiares diretos dos Vanderbilt e dos Astor e, ainda que indiretamente, de todas as famílias mais importantes de Nova Iorque. O seu pai, Arthur, era proprietário e administrador do banco mais prestigiado da cidade. A família era composta por várias gerações de banqueiros, tal como a família da sua mãe em Boston. Robert, o seu irmão de vinte e quatro anos, trabalhava para o pai há três anos. E, claro, quando Arthur se reformasse, Robert iria gerir o banco. O futuro deles, tal como a sua história, era previsível, garantido e seguro. Para Annabelle era reconfortante crescer nesse mundo protegido.

Os pais amavam-se, e ela e Robert sempre tinham sido muito chegados e entendiam-se bem. Nunca nada os preocupava ou perturbava. Os mais pequenos problemas com que se deparavam eram imediatamente atenuados e resolvidos. Annabelle crescera num mundo dourado e sagrado, uma criança feliz no seio de pessoas amáveis e ternas. Os últimos meses

tenham sido excitantes para ela, apesar de ter passado por uma recente decepção. Em dezembro, mesmo antes do Natal, fora apresentada à sociedade num baile espetacular que os pais organizaram. Era a sua estreia, e toda a gente concordava que fora o baile de debutante mais elegante e extravagante a que Nova Iorque assistira nos últimos anos. A mãe adorava dar festas bonitas. O jardim fora coberto e aquecido. O salão de baile da casa era excelente e a banda, a mais cobiçada da cidade. Estiveram presentes mais de quatrocentas pessoas. O vestido que Annabelle usava fazia-a parecer uma princesa de um conto de fadas.

Annabelle era pequenina, magra e delicada, ainda mais pequena que a mãe. Uma *petite blonde*, com longos cabelos dourados e sedosos, e enormes olhos azuis. Era linda, com mãos e pés pequenos e feições perfeitas. Durante a infância, o pai sempre lhe dissera que parecia uma boneca de porcelana. Aos deztoito anos, tinha uma figura bonita, bem proporcionada e elegante, e um ar gracioso. Tudo nela evidenciava a sua herança aristocrata.

A família partilhara um agradável Natal uns dias a seguir ao baile e, na primeira semana de janeiro, depois de toda a excitação, festas e saídas à noite com o irmão e os pais, com vestidos de noite demasiado finos para o tempo invernosso, Annabelle apanhou uma gripe muito forte. Os pais ficaram preocupados quando os brônquios foram afetados, deixando Annabelle à beira de uma pneumonia. Felizmente, a sua juventude e o seu bom estado geral de saúde ajudaram-na a recuperar, depois de permanecer doente e com febres noturnas durante quase um mês. O médico acabou mesmo por decidir que seria imprudente viajar assim debilitada. Há meses que os pais e Robert tinham planeado uma viagem para irem visitar uns amigos que viviam na Europa, e Annabelle ainda estava em convalescença quando eles partiram no *Mauretania*, em meados de fevereiro. Já viajara várias vezes com eles naquele barco. A mãe ofereceu-se para ficar com ela em casa, mas, na altura de partirem, Annabelle sentia-se suficientemente bem para ficar

sozinha. Insistiu para que a mãe não se privasse da viagem pela qual ansiava há tanto tempo. Estavam todos com pena de a deixar, e Annabelle também estava bastante desgostosa, mas admitiu que, embora se sentisse muito melhor, ainda não estava totalmente restabelecida para fazer uma longa viagem de dois meses ao estrangeiro. Prometeu à mãe, Consuelo, que tomaria conta da casa enquanto estivessem fora. Os pais tinham plena confiança nela.

Annabelle não era o género de rapariga que desse preocupações ou que se aproveitasse da ausência deles. Lamentavam bastante o facto de ela não poder ir com eles e Annabelle também. Mostrou-se animada ao vê-los partir no cais da Cunard, em fevereiro, mas quando regressou a casa sentia-se ligeiramente abatida. Manteve-se ocupada lendo e levando a cabo tarefas que iriam agradar à mãe. Fez bonitos trabalhos de costura e passou horas a passar a roupa de linho mais requintada de cama e de mesa. Não se sentia suficientemente bem para sair e conviver, mas Hortense, a sua melhor amiga, visitava-a frequentemente. Também debutara naquele ano e desde crianças que as duas eram grandes amigas. Hortie já tinha namorado, e Annabelle apostara com ela que James a iria pedir em casamento pela Páscoa. Tinha razão, como se veio a confirmar, quando eles anunciaram o noivado. Annabelle estava ansiosa por contar à mãe, que em breve regressaria a casa. Estava previsto regressar a dezassete de abril, tendo zarpado quatro dias antes de Southampton num barco novo.

Tinham sido dois longos meses sem eles e Annabelle sentia a sua falta. No entanto, foi o tempo necessário para se restabelecer e ler bastante. Depois de terminar as suas tarefas domésticas passou as tardes e noites na biblioteca do pai embrenhada na leitura dos livros dele. Os seus favoritos eram as biografias de homens importantes e livros de ciência. Nunca se interessara muito pelos livros românticos que a mãe lia e ainda menos pelos que Hortense lhe emprestava, que considerava disparatados. Annabelle era inteligente e interessava-se pelo que acontecia no mundo, o que lhe dava muitas vezes tema de conversa com o irmão,

e até ele admitia, no seu íntimo, que a profundidade dos seus conhecimentos o deixava envergonhado. Embora ele tivesse boa cabeça para os negócios e fosse extremamente responsável, adorava ir a festas e estar com os amigos, enquanto Annabelle aparentava ser uma pessoa sociável, mas era de uma natureza profundamente séria e tinha uma paixão por aprender, por ciência e por livros. Em casa, a biblioteca do pai era o seu local de eleição, passando aí grande parte do tempo.

Na noite de 14, Annabelle ficou a ler na cama pela noite fora e, excepcionalmente, dormiu até tarde na manhã seguinte. Quando se levantou, lavou os dentes, penteou-se, vestiu o roupão e encaminhou-se lentamente para o pequeno-almoço. Ao descer as escadas, achou que a casa estava estranhamente silenciosa e não viu nenhum empregado. Aventurando-se na copa, encontrou vários deles debruçados sobre o jornal, que trataram rapidamente de esconder. Viu que Blanche, a sua dedicada governanta, estivera a chorar. Tinha bom coração e chorava facilmente com qualquer história triste sobre um animal ou uma criança em sofrimento. Annabelle estava à espera de uma dessas histórias quando sorriu e deu os bons-dias. Nesse instante, William, o mordomo, desatou a chorar e saiu da copa.

— Meu Deus, o que aconteceu? — Annabelle olhou espantada para Blanche e para as duas criadas. Reparou então que estavam todas a chorar e, sem saber porquê, o seu coração deu um pulo. — O que se passa? — perguntou Annabelle, tentando chegar ao jornal. Blanche hesitou, mas estendeu-lho. Quando o abriu, Annabelle leu as manchetes. O *Titanic* afundara-se durante a noite. Era o barco novo que os pais e Robert tinham apanhado em Inglaterra para regressarem a casa. Havia poucos pormenores, apenas a referência ao *Titanic* que se afundara, aos passageiros que tinham procurado salvar-se nos barcos salva-vidas e ao *Carpathia* da White Star Line que se precipitara para o local. Não falavam de mortes ou sobreviventes, apenas que se supunha que os passageiros tinham sido retirados a tempo

e que o resgate fora totalmente bem-sucedido. O jornal relatava que o enorme navio batera num icebergue e que, embora fosse considerado inafundável, naufragara de facto umas horas depois. O inimaginável acontecera.

Annabelle entrou imediatamente em ação. Disse a Blanche que mandasse vir o carro e o motorista do pai. Estava a atravessar a porta da copa para correr pelas escadas acima e vestir-se enquanto dizia que tinha de ir imediatamente ao escritório da White Star saber notícias de Robert e dos pais. Nem sequer lhe ocorreu que centenas de outras pessoas iriam fazer o mesmo.

As suas mãos tremiam enquanto vestia, ao acaso, um vestido de lã cinzento simples, calçava as meias e os sapatos, agarrava no casaco e na carteira e voltava a correr pelas escadas abaixo, sem sequer se preocupar em prender o cabelo. Parecia uma criança com os cabelos a esvoaçar, saindo precipitadamente pela porta da frente, que bateu atrás de si. A casa e todos dentro dela já pareciam congelados num luto antecipado. Quando Thomas, o motorista do pai, a levou aos escritórios da White Star Line no final da Broadway, Annabelle sentiu-se aterrorizada. Viu um ardina numa esquina a apregoar as últimas notícias e a agitar uma edição mais recente do jornal. Mandou o motorista parar e comprar um.

O jornal dizia que se perdera um número indeterminado de vidas e que o *Carpathia* estava a emitir notícias via rádio sobre os sobreviventes. Enquanto lia, Annabelle sentiu os olhos rasos de lágrimas. Como é que aquilo podia acontecer? Era o maior e o mais recente barco nos mares. Era a sua viagem inaugural. Como é que um navio como o *Titanic* se podia afundar? E o que teria acontecido aos pais, ao irmão e a tantos outros?

Quando chegaram aos escritórios da White Star, havia centenas de pessoas a gritar para entrar, e Annabelle não conseguia imaginar como passar pela multidão. O corpulento motorista do pai ajudou-a, mas ainda levou uma hora até conseguir entrar. Explicou que o irmão e os pais viajavam em primeira classe no infeliz navio. Um jovem funcionário nervoso

assentou o seu nome, enquanto outros penduravam lá fora, nas paredes, listas com os nomes dos sobreviventes. Os nomes estavam a ser transmitidos pelo operador de rádio do *Carpathia*, assistido pelo operador de rádio do *Titanic*, que sobrevivera, e ambos tinham escrito bem destacado no topo que a lista ainda estava incompleta naquele momento, o que lhes deu esperança relativamente aos nomes que não viam.

Annabelle agarrou numa das listas com as mãos trémulas e dificilmente conseguiu ler através das lágrimas. Quase no fim da lista viu-o, um único nome. Consuelo Worthington, passageira de primeira classe. Os nomes do pai e do irmão não constavam da lista, e ela, tentando controlar-se, lembrou-se de que esta estava incompleta. Havia poucos nomes na listagem dos sobreviventes.

— Quando é que sabem mais? — perguntou Annabelle ao funcionário.

— Esperamos que dentro de poucas horas — disse ele, enquanto outros gritavam e o chamavam atrás dela. As pessoas gemiam, choravam, discutiam, ao mesmo tempo que outras, lá fora, se esforçavam por entrar. A cena era de pânico, caos, terror e desespero.

— Ainda estão a resgatar pessoas dos barcos salva-vidas? — perguntou Annabelle, esforçando-se por ser otimista. Pelo menos sabia que a mãe estava viva, apesar de desconhecer em que condições. Mas certamente que os outros também tinham sobrevivido.

— Resgataram os últimos às oito e meia da manhã — informou o funcionário com um olhar triste. Já ouvira contar histórias de corpos a flutuar na água, de pessoas a gritar para serem salvas acabando por morrer, mas não lhe cabia a ele relató-las e não teve coragem para dizer àquelas pessoas que centenas de passageiros tinham perdido a vida. A lista dos sobreviventes ia em pouco mais de seiscentos, e o *Carpathia* emitira a informação de que tinham salvado mais de setecentos, mas que ainda não tinham os nomes todos. Se fosse assim, significava

que mais de mil passageiros e a tripulação estavam perdidos. O funcionário também não queria acreditar. — Devemos ter o resto dos nomes nas próximas horas — disse ele afavelmente quando um homem de cara vermelha ameaçou bater-lhe se não entregasse a lista, o que ele fez de imediato. As pessoas estavam assustadas e, no seu desespero, perdiam o controlo ao quererem obter informações e certezas. Os funcionários entregavam e afixavam o máximo de listas que conseguiam. Finalmente, Annabelle e Thomas voltaram para o carro e esperaram por mais notícias. Ele ofereceu-se para a levar a casa, mas ela insistiu em ficar e verificar as listas à medida que as iam atualizando nas horas seguintes. Não queria estar em mais lado nenhum.

Sentou-se calada no carro, parte do tempo com os olhos fechados, a pensar nos pais e no irmão e a desejar que tivessem sobrevivido, ao mesmo tempo que agradecia por o nome da mãe já estar na lista. Não bebeu nem comeu nada durante todo o dia e de hora a hora voltava a verificar as listas. Às cinco horas, informaram que as listas dos sobreviventes estavam completas, com exceção de algumas crianças que ainda não podiam ser identificadas pelo nome. Mas todos os que tinham sido salvos pelo *Carpathia* estavam na lista.

— Alguém foi salvo por outros barcos? — perguntou um homem. O funcionário abanou silenciosamente a cabeça. Apesar de haver outros barcos a resgatar corpos das águas geladas, a tripulação do *Carpathia* fora a única que conseguira resgatar sobreviventes, a maior parte deles em barcos salva-vidas e muito poucos na água. Quase todos tinham morrido no gelado Atlântico antes de o *Carpathia* chegar, embora este tivesse chegado ao local duas horas depois de o *Titanic* se afundar. Era simplesmente demasiado tempo para alguém conseguir sobreviver à temperatura glacial do oceano.

Annabelle verificou a lista mais uma vez. Havia 706 sobreviventes. Voltou a ver o nome da mãe, mas não havia outros Worthington, nem Arthur, nem Robert, e a única coisa que podia fazer era rezar para que fosse engano. Talvez fosse

um equívoco ou estivessem inconscientes e não pudessem dizer o nome aos que estavam a fazer o controlo. Não havia meio de saber mais notícias do que as que já tinha. Disseram-lhe que o *Carpathia* deveria chegar a Nova Iorque dentro de três dias, a dezoito de abril. Ela só tinha de continuar a ter fé até lá e estar grata pela sobrevivência da mãe. Recusou-se a acreditar que o pai e o irmão estavam mortos. Não podia ser.

Depois de chegar a casa, ficou acordada toda a noite e continuou sem comer. Hortense foi visitá-la e passou a noite com ela. Falaram muito pouco, apenas deram as mãos e choraram. Hortie tentou consolá-la, e a mãe desta também passou por lá para confortar Annabelle. Não havia palavras que atenuassem o que acontecera. O mundo inteiro estava chocado com as notícias. Era uma tragédia de proporções épicas.

— Graças a Deus que estavas demasiado doente para ires — murmurou Hortie quando se deitaram as duas na cama de Annabelle depois de a mãe ter ido para casa. Sugerira que a filha passasse lá a noite e aí ficasse até a mãe de Annabelle voltar. Não queria que ela ficasse sozinha. Annabelle apenas assentiu com a cabeça ao comentário, sentindo-se culpada por não ter estado com eles, pensando se a sua presença teria ajudado de alguma maneira. Talvez tivesse podido salvar pelo menos um deles, ou alguém.

Nos três dias seguintes, ela e Hortie erraram pela casa como fantasmas. No seu estado de choque e de sofrimento, Hortie era a única amiga que ela queria ver ou com quem queria falar. Apesar das tentativas da governanta, Annabelle não comeu quase nada. Estavam todos constantemente a chorar e, por fim, Annabelle e Hortie foram dar um passeio para apANHAR ar. James chegou e acompanhou-as; foi muito simpático para com Annabelle e disse-lhe que lamentava muito o que acontecera. A cidade e o mundo não conseguiam pensar noutra coisa.

Havia ainda poucas notícias do *Carpathia*, exceto a confirmação de que o *Titanic* se afundara de facto e que a lista dos

sobreviventes estava completa e se mantinha igual. Só as crianças e os bebês não identificados não estavam na lista e tinham de ser reconhecidos por membros das famílias no porto, se fossem americanos. Se não fossem, teriam de ser devolvidos a Cherbourg e Southampton, às suas famílias angustiadas. Meia dúzia deles não pertencia a nenhum dos sobreviventes e eram demasiado novos para dizerem o nome. Outros tomavam conta deles na ausência dos pais e não havia maneira de se saber quem eram. Mas os restantes, mesmo os doentes ou os feridos, estavam na lista, tinham-lhe garantido. Annabelle ainda não acreditava na tragédia quando Thomas a conduziu para o cais da Cunard na noite de dezoito de abril. Hortie não quis ir com ela, pois não desejava intrometer-se, por isso Annabelle foi sozinha para o Cais 54.

A multidão que estava à espera viu o *Carpathia* entrar lentamente no porto, acompanhado pelos rebocadores, precisamente depois das nove da noite. Annabelle sentiu um aperto no coração quando viu o navio e ficou surpreendida quando este se dirigiu para o Cais 59 e 60 da White Star. E ali, à vista de todos os observadores, desceram lentamente os salva-vidas do *Titanic*, que era tudo o que restava dele, para os devolver à White Star Line, antes de o *Carpathia* atracar. Os fotógrafos estavam comprimidos numa flotilha de pequenos barcos, tentando tirar fotografias aos salva-vidas e aos sobreviventes do desastre alinhados no parapeito. A atmosfera à sua volta era meio fúnebre, meio circense, enquanto os familiares dos sobreviventes esperavam num silêncio agonizante para verem quem desembarcava, e os repórteres e fotógrafos falavam alto uns com os outros e disputavam as melhores posições e os melhores instantâneos.

Depois de ter descarregado os salva-vidas, o *Carpathia* moveu-se lentamente para a sua doca no Cais 54 e os estivadores e funcionários da Cunard amarraram-no rapidamente. E, então, a prancha de desembarque foi finalmente descida. Em silêncio e com uma gravidade dilacerante, os sobreviventes do

*Titanic* desembarcaram primeiro. Os passageiros do *Carpathia* abraçaram alguns deles e apertaram a mão a outros. Houve muitas lágrimas e pouco se disse, enquanto os sobreviventes desembarcavam um a um, alguns deles com as lágrimas a correrem-lhes pelas faces. Ainda estavam em estado de choque com o que tinham visto e passado naquela noite pavorosa. Ninguém iria esquecer tão depressa os terríveis gritos e lamentos vindos da água, os gemidos e pedidos de ajuda vãos enquanto as pessoas morriam. As pessoas dos barcos salva-vidas estavam demasiado apavoradas para salvarem outras, com medo de que os barcos virassem, sobrelotados, e se afogasse ainda mais gente do que a que já estava condenada a morrer na água. O cenário à sua volta fora medonho, com cadáveres a flutuar enquanto os vivos esperavam que chegasse ajuda para serem resgatados.

À medida que saíam do *Carpathia*, viam-se mulheres com crianças, algumas ainda em vestidos de gala da sua última noite a bordo do barco amaldiçoado, envolvidas em cobertores. Algumas tinham ficado demasiado chocadas para mudarem de roupa nos últimos três dias e tinham-se juntado no espaço disponibilizado nas salas de jantar e salões principais do *Carpathia*. Os passageiros e a tripulação fizeram tudo o que puderam para ajudar, mas não se podia alterar o número de mortos nem impedir a tragédia, que ninguém podia ter previsto.

Annabelle sentia-se ofegante até descobrir a mãe no momento em que esta chegou à prancha de desembarque. À distância, viu Consuelo vir na sua direção, com roupas emprestadas, uma expressão trágica no rosto e a cabeça erguida com um ar digno mesmo no sofrimento. Annabelle viu tudo isso estampado no seu rosto. Não estava mais nenhum familiar com ela. O pai e o irmão não se avistavam em parte alguma. Annabelle olhou uma última vez de relance para trás da mãe, mas Consuelo estava completamente sozinha, no meio de um mar de outros sobreviventes, a maioria mulheres, e alguns homens que pareciam ligeiramente constrangidos à medida que desciam com as suas mulheres. Havia uma explosão de *flashes* das máquinas fotográficas, enquanto os repórteres registavam tudo o

que conseguiam. E de repente a mãe estava à sua frente e Annabelle abraçou-a com tanta força que nenhuma delas conseguia respirar. Quando se agarraram uma à outra, Consuelo soluçava e ela também, enquanto passageiros e familiares se moviam à sua volta. E com o braço de Annabelle sobre o ombro da mãe, afastaram-se lentamente. Chovia, mas ninguém se importava. Consuelo envergava um vestido de lã áspera, que não lhe assentava bem, e sapatos de cerimônia, e ainda trazia o colar de diamantes e os brincos que usava na noite em que o barco se afundou. Não tinha casaco. Thomas foi rapidamente buscar a manta do carro para Annabelle pôr em volta da mãe.

Tinham acabado de se afastar da prancha de desembarque quando Annabelle fez a pergunta obrigatória. Podia adivinhar a resposta, mas não suportava não ter a certeza. Murmurou para a mãe:

— O Robert e o papá?... — A mãe limitou-se a abanar a cabeça e chorou convulsivamente enquanto Annabelle a levava para o carro. De repente, a mãe parecia muito frágil e muito mais velha. Era uma viúva de quarenta e três anos e, quando Thomas a ajudou delicadamente a entrar no carro e a cobriu com a manta de pele, parecia muito mais velha. Consuelo olhou para ele e chorou; depois agradeceu-lhe serenamente. No caminho para casa, tanto ela como Annabelle mantiveram-se firmemente em silêncio. A mãe não voltou a falar até chegarem.

Os criados estavam todos à espera no vestíbulo da frente para a beijarem, abraçarem, ampararem e, quando viram que estava sozinha, para lhe dizerem o quanto lamentavam. Em menos de uma hora, colocaram uma coroa fúnebre à porta. Naquela noite, havia muitas em Nova Iorque, uma vez que já se sabia quem não tinha regressado a casa e nunca mais o faria.

Annabelle ajudou a mãe a lavar-se e a vestir uma camisa de dormir, e Blanche andava atrás dela como uma criança. Cuidava de Consuelo desde rapariga e assistira aos nascimentos de Annabelle e de Robert. E agora acontecera aquilo. Blanche sacudia as almofadas por trás de Consuelo, enquanto a deitavam na cama, e limpava constantemente os olhos, emitindo pequenos

sons de consolo. Foi buscar um tabuleiro com chá, papas de aveia, torradas, um caldo e os seus biscoitos preferidos, que Consuelo não comeu. Deixou-se estar simplesmente sentada fitando as duas, incapaz de dizer uma palavra.

Naquela noite, Annabelle dormiu na cama da mãe e, nessas horas de escuridão, Consuelo, que tremia da cabeça aos pés e não conseguia adormecer, contou à filha o que acontecera. Estava no barco salva-vidas número quatro, com a sua prima Madeleine Astor, cujo marido também não sobrevivera. Disse que o barco estava só meio cheio, mas que o marido e Robert se tinham recusado a entrar, querendo ficar para trás a fim de salvar outros e deixar espaço para as mulheres e crianças. Mas havia imenso espaço para eles.

— Se ao menos tivessem entrado — disse Consuelo num tom desesperado. Os Widener, os Thayer e Lucille Carter, todos seus conhecidos, também estavam no barco salva-vidas. Mas Robert e Arthur mantiveram-se firmemente a bordo para deixarem os outros entrar nos barcos, sacrificando as suas vidas. Consuelo falou também de um homem que se chamava Thomas Andrews, que fora um dos heróis da noite. E fez questão de dizer a Annabelle que o pai e o irmão tinham sido muito corajosos, o que naquele momento de pouco consolo servia.

Conversaram durante horas, enquanto Consuelo revivia os últimos momentos no barco, e a filha abraçava-a e chorava enquanto a ouvia. Por fim, quando a luz da madrugada inundou o quarto, Consuelo adormeceu com um suspiro.